

A SOLIDÃO TERAPÊUTICA NOS *DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO* DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

SOLITUDE THERAPY IN REVIERES OF A SOLITARY WALKER OF JEAN-JACQUES ROUSSEAU

*Juliana Fischer de Almeida*¹

Resumo: O presente artigo tem como finalidade apresentar o conceito de solidão a partir da análise das *Primeira Caminhada* e *Segunda Caminhada* dos *Devaneios de um Caminhante Solitário* como uma imersão que gera um sentimento de não pertencimento a sociedade, restando a análise sobre si próprio. A reflexão sobre si, por seus múltiplos empregos, pode ser explicada pela experiência e pelo pensamento, assumindo, assim, uma visão de mundo. O exame a ser feito é como a dominação de uns sobre outros e, conseqüentemente, a dependência mútua trazem como resolução um isolar-se do mundo, vivendo uma existência solitária.

Palavras-chave: Solidão. Análise de si. Sociedade.

Abstract: This article aims to introduce the concept of loneliness from analysis of the *First Walk* and *Second Walk* of *Revieres of a Solitary Walker* as a subjective immersion that generates a feeling of not belonging to society, leaving the analysis of himself. The reflection about themselves, by its multiple jobs, can be explained by the experience and by thought, thereby assumes a vision of the world. The exam to be done is as the domination of one over the other and, consequently, the mutual dependence bring as a resolution to isolate herself from the world, living a solitary existence.

Keywords: Solitude. Analysis itself. Society.

* * *

A solidão, nessa obra em específico, se caracteriza pelo “eu” isolado da sociedade, um tipo de solidão que pode ser denominada de *terapêutica*, na qual busca-se reencontrar e reestabelecer o “eu” desiludido com a vida social. Os questionamentos a serem apresentados para tentar entender o problema da solidão são: que “eu” solitário é esse? Que tipo de relação existe entre o “eu” e o outro?

Para tal intento será analisada a *Primeira Caminhada* e a *Segunda Caminhada* do livro *Os devaneios de um caminhante solitário*, escrito num período contínuo entre 1776 a 1778. A escolha por estas duas *Caminhadas* se deve ao fato de que na *Primeira Caminhada* o filósofo fará uma auto percepção do momento em que se encontra, descreverá o procedimento da análise de si e a sua relação com Outro. Na *Segunda*

¹ Procuradora da Câmara Municipal de Curitiba. Mestre em Filosofia e Doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). E-mail: juliana_fisalm@yahoo.com.br

Caminhada há uma investigação da renúncia das paixões fictícias e o movimento da alma solitária que torna Rousseau indiferente frente ao mundo.

O ser solitário poderia ser compreendido, neste momento, como um estar junto de si, porém separado da coletividade, sendo que nesse terceiro texto autobiográfico de Rousseau há o relato de dez caminhadas, na qual o filósofo busca incessantemente compreender o motivo pelo qual se encontra só no mundo, mergulhado em seu delírio e afastado dos homens. Essa obra não é uma autobiografia linear no sentido de uma narrativa sobre os acontecimentos vividos, mas trata-se de fragmentos de suas experiências, trazendo a constatação subjetiva da impossibilidade de viver em sociedade. O objetivo desta autobiografia, em específico, é tentar examinar a condição do eu afastado de seus semelhantes, a solidão relatada como a busca de significado por um sujeito isolado do meio social, que ao final de sua vida encontra-se sozinho.

Os outros textos autobiográficos rousseauianos se diferenciam dos *Devaneios*, porquanto no livro autobiográfico *As Confissões*, escrito entre 1764 a 1776, Rousseau apresenta, a grosso modo, um autorretrato dentro de uma narrativa dos acontecimentos vividos pelo filósofo. É uma descrição de sua própria história na qual faz uma crítica a si e aos homens do seu século, questionando a sua singularidade e ao mesmo tempo as obscuridades da vida social. Não advém de uma espontaneidade autobiográfica, é uma espécie de justificação, de defesa dos seus atos cometidos. Por sua vez, na obra *Rousseau juiz de Jean-Jacques*, de 1772 a 1776, o filósofo adota a escrita em forma de diálogos, retratando uma articulação de autodefesa sobre as acusações acometidas, mostrando-se como vítima dos homens, como uma pessoa fraca, incapaz de praticar o mal. Com os *Diálogos* Rousseau visa impedir o julgamento de seus contemporâneos e que alguém depois dele possa o compreender. A solidão percebida e manifestada pela escrita, enquanto estilo autobiográfico, das *Confissões* e dos *Diálogos* são diversos, portanto, dos *Devaneios*.

O estar só nos *Devaneios* não apresenta somente um mero relato da solidão rousseauiana, é também um problema político, pois a quebra do elo social vislumbra a impossibilidade de ser um cidadão vivendo num Estado de Direito que assegure seus direitos políticos e sociais dentro de uma coletividade republicana. No começo da Primeira *Caminhada*, o filósofo questiona como o “ser mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime [...]. Teria amado os homens a despeito deles próprios” (ROUSSEAU, 1995, p. 23). Com base nessa indagação, Rousseau busca saber quem ele é, a partir desse rompimento involuntário.

Na *Primeira Caminhada*, o filósofo explica seu método:

para fazê-lo com sucesso, seria necessário proceder com ordem e método: porém, sou incapaz deste trabalho, e mesmo ele me afastaria da minha finalidade, que é a de perceber as contínuas modificações de minha alma. Farei em mim, num certo sentido as operações feitas no ar pelos físicos, para conhecer seu estado diário. Aplicarei o barômetro à minha alma e essas operações, bem conduzidas e longamente repetidas, poder-me-iam fornecer resultados tão seguros quanto os seus. Mas não levo até a este ponto minha empresa. Contentar-me-ei em manter o registro das operações sem procurar reduzi-las a um sistema (ROUSSEAU, 1995, p. 27).

Portanto, sua forma de análise da solidão, neste escrito em específico, é no sentido descrito nessa citação: seu ser, sua consciência, sua alma, mas não o corpo físico, e sim o que reside dentro si será objeto das análises nascidas nas caminhadas, com intuito de preservar sua própria moral, sem tentar compreender seus semelhantes. O sentido moral apresentado refere-se a uma consciência de si enquanto consciência de um valor autêntico do exame de si enquanto objeto de reflexão. A escrita dos *Devaneios* manifesta o próprio movimento do pensamento com intuito de uma recuperação da sua moral perdida dentro de uma sociedade corrompida, cuja alienação de si decorre de como os laços sociais já instituídos impossibilitam a transparência nas relações sociais e com sua própria consciência.

O filósofo está do lado oposto do outro, suas meditações solitárias o fazem manter-se à margem da sociedade, rompendo com tudo o que é público, pois o meio social o perturbava, conforme se observa:

os vapores do amor-próprio e o tumulto do mundo embaciavam aos seus olhos o frescor dos bosques e perturbavam a paz do retiro. Por mais que fugisse para o fundo das florestas, uma multidão importuna me seguia por toda parte e velava para mim toda a natureza. Foi tão somente depois de me ter desprendido das paixões sociais e de seu triste cortejo que a redescobri com todos seus encantos (ROUSSEAU, 1995, p. 45).

Com o desprendimento de Rousseau da sociedade, tenta-se um regresso ao primitivo, buscando uma natureza sensível que não esteja afetada pelas paixões sociais. O “eu” encontra-se “[...] sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia” (ROUSSEAU, 1995, p. 23). Este “eu” que se encontra solitário e indiferente ao mundo que o cerca em virtude do tipo de relação que os outros mantêm com a sociedade, o desdém e o desgosto pela vida social geram esse sentimento

de apatia e de felicidade por encontrar-se só.

A forma singular como o exame da consciência é relatada permite um exercício que possibilite escutar a voz da natureza, essa voz que é o acesso ao sensível e ao prazer da alma que se encontra com ela mesma. O ponto de reflexão, nesse primeiro momento, é o estudo de si mesmo alheio à vida pública, gozando apenas da sensação que sua própria existência pode provocar em seu ser, é uma renúncia ao mundo social.

Além desse sentimento, a solidão faz com que ele se entregue “inteiramente à doçura da alma, já que é a única coisa que os homens não podem tirar” de si (ROUSSEAU, 1995, p. 26). Nesse aspecto, é interessante observar que não é somente uma questão de sentir e vivenciar o viver só, mas é algo que pertence ao ser e é inalienável. Ou seja, ao se perceber isolado, o “eu” ganha outra dimensão, porquanto não está mais preocupado em diagnosticar os malefícios das paixões fictícias da sociedade, mas sim em caracterizar que, diante do mundo como é, o que lhe resta de mais nobre é sua existência.

Na *Segunda Caminhada*, Rousseau descreve o estado habitual de sua alma e sua tumultuada relação com a sociedade e relata como renunciou as paixões e as “pompas” para meditar sobre si e vivenciar a solidão:

Deixei a alta sociedade e suas pompas, renunciei a qualquer adorno, renunciei à espada, ao relógio, às meias brancas, aos ornamentos dourados, aos cabelos frisados; uma peruca muito simples, um bom traje de pano grosso e, melhor do que tudo isso, arranquei de meu coração as paixões e a cobiça que dão valor a tudo que abandonava. (ROUSSEAU, 1995, p.44)

Ao modificar sua relação com o mundo social, iniciou pelo que lhe era externo até chegar ao interior, negando tudo aquilo que está fora de si, uma transformação necessária para restabelecer o “eu” perdido. A solidão possibilita uma suspensão do mundo, da interação com os outros e uma indiferença com aquilo que não lhe pertence.

As paixões sociais perturbam sua alma e seu coração, podendo ser entendidas como uma oposição entre interesses particulares que marcam o processo de desintegração social e da consciência de si. O homem social se reconhece por aquilo que tem e não por aquilo que é, elabora premissas exteriores à sua existência que o levam ao distanciamento de suas raízes.

No exame da obra *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, Luiz Roberto Salinas Fortes (1976. p. 49, grifo do autor), apresenta a aparência, que é uma das formas de

desintegração social, na forma da polidez que “oculta alguma *disformidade* do indivíduo, que a ostenta, as *guirlandas de flores* — as artes, as letras e as ciências — escondem verdadeiras *cadeias de ferro* que prendem os *cidadãos* desta República”. Numa sociedade em que reina a aparência, a polidez cria a dissimulação, porque o ser não se mostra, fica oculto na consciência, não tendo espaço para se manifestar numa sociedade que prima pelo que é alheio ao sujeito. A dissimulação ocorre, em primeira instância, no homem, consigo mesmo, para depois surgir na sociedade e na República das Letras. Segundo Rousseau, a causa para oposição entre ser e parecer ainda deve ser procurada, mas o efeito é certo, uma vez que culmina na depravação real dos homens.

Na passagem que se segue, evidencia-se como a aparência afeta o homem:

antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos, mais naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam sua segurança na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios. Atualmente, quando buscas mais sutis e um gosto mais fino reduziram a princípios a arte de agradar, reina entre nossos costumes uma uniformidade desprezível e enganosa, e parece que todos os espíritos se fundiram num mesmo molde: incessantemente a polidez impõe, o decoro ordena; incessantemente seguem-se os usos e nunca o próprio gênio (ROUSSEAU, 1978, p. 335).

O filósofo identifica os homens agindo em sociedade de acordo com interesses, guiados por preconceitos, pelo erro, pela paixão, o que gera obstáculos nas relações sociais e artificialidade de suas necessidades. O que está em discussão não é um juízo de valor da natureza humana, mas sim a transformação dada pelo convívio social, pois a aparência é ocasionada pelo princípio motor dos costumes e não da racionalidade. Há uma perda da individualidade, todos os que convivem se tornam uniformes, as forças humanas voltam-se contra os homens mesmos, porque a razão se divorcia do indivíduo.

É por causa deste processo de desintegração social que Rousseau prefere refletir sobre sua existência. E sobre essa questão, o intérprete Gouhier (1970, p. 107), na obra *Les Méditations Métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*, apresenta a noção de duplo movimento da alma, entendido da seguinte maneira:

Os êxtases egoístas do Caminhante Solitário são momentos especiais na vida de acordo com a natureza [...]. Isto implica que a existência pura é capaz de mudanças quando há uma tensão com seus

semelhantes. Rousseau descreve como movimentos de ‘expansão’ e ‘crise’. [...]. Há, de fato, uma ‘tensão na existência’, que consiste em “um duplo movimento sempre começando, sempre inacabado, condensação e relaxamento.’ Às vezes, as almas ‘expansivas’ ‘espalham’ sobre as outras as coisas que são agradáveis, para viver em comunhão com os outros e com o mundo, às vezes, ela se dobra sobre si mesma, que recolhe, deleitando-se, neste momento, face a face consigo mesmo.

O movimento de retrair e expandir da existência se liga à noção de solidão, no sentido de que quando o “eu” consegue contemplar seu coração, torna-se capaz de sentir o tumulto e o barulho que sufoca sua alma, e, ao mesmo tempo, revive a paz interior, pela impossibilidade de vivê-la no meio social. O “eu” solitário recompõe os sentimentos mais puros de sua existência. A solidão, enquanto experiência, pode ser entendida nos *Devaneios* pela caracterização do caminhante solitário, que desenvolve um sentido de existência singular. Em outra passagem, Gouhier (1970, p. 109) descreve um pouco mais o duplo movimento:

O duplo movimento de expansão e o seu oposto é estritamente existencial, no sentido de que pertence ao existir. Existir é ‘espalhar’, ‘estender’ ou ‘identificar’, ‘reunir’, é ter uma alma ‘expansiva’ ou ‘recolhida pelos sentimentos’ é ‘expandir’ ou ‘encolher’ o mundo em que vivemos.

Desse modo, a relação do movimento, do outro para o eu, do eu sem o outro não impõe uma contemplação das sensações puras, não significa um retorno ao sensível ou ao estado de natureza, uma vez que já se encontra corrompido pela vida social. O sentido proposto relaciona-se a um aspecto de negatividade à sociedade, vivendo solitário e à margem social. É uma experiência subjetiva, na qual sua solidão se justifica e se opõe aos outros.

O sentimento da existência é apresentado por Rousseau enquanto um bastar-se a si mesmo:

O sentimento da existência, despojado de qualquer outro apego é por si mesmo um sentimento precioso de contentamento e de paz, que sozinho bastaria para tornar esta existência cara e doce a quem soubesse afastar de si todas as impressões sensuais e terrenas que vêm continuamente nos afastar dela e perturbar, na terra, sua suavidade. (ROUSSEAU, 1995, p. 76).

Trata-se de viver na verdade absoluta, uma solidão como oposição, conforme afirma Jean Starobinski (2011, p. 54):

a veemência e o absoluto de sua crítica arrastam Rousseau à solidão. (Outros dirão: querendo estar só, ele alega como desculpa o mal radical que perverte a vida em comum.) Se deseja ser levado a sério, vai precisar ser muito mais que um escritor de oposição: ele se vê obrigado a tornar-se a oposição viva. Sua crítica só contará realmente no momento em que sua vida inteira for a contradição exemplar.

Sua denúncia se faz pelas palavras, por intermédio da literatura, em que procura condenar os excessos da sociedade artificial em busca de uma virtude silenciosa, através de suas caminhadas e reflexões. A escrita gera uma tensão entre o estar presente no mundo e o julgar, pois experimenta o sentimento de pertencer a si e os limites impostos pelo meio social intransponível. O *modus* como isso funciona é descrito por Claudio Boeira Garcia (1999, p. 31):

exemplifica-se, aí, um *modus* de descrição e de juízo sobre o mundo no qual o sujeito que propõe sentido não se separa dele de modo absoluto. Mais que isso: se é verdade que a retórica do *juízo solitário e diferente* não pode ser ignorada, ela, ao mesmo tempo, indica a presença marcante das *verdades demonstradas* e do interesse pelo juízo dos *outros* a respeito do mundo em comum.

A única solução para a falta de respeito pelo juízo que a pessoa faz de si mesma é afastar-se do convívio humano, confiar em sua autossuficiência, sentindo que a solidão e o reconhecimento recíproco entre ele mesmo e os outros sejam uma real possibilidade. As relações entre os homens deveriam ser regidas pelos sentimentos, pela liberdade de ser a si próprio e não pelos interesses sociais alheios a si.

Esse afastamento marca um tempo filosófico e pessoal de Rousseau, uma reforma pessoal é realizada por ele, gerando uma reflexão sobre o mal moral, sua gênese e sua possibilidade de remediação pela solidão. O isolamento torna-se uma ferramenta para negar o mundo real e construir um mundo moral, conforme observa Bronislaw Baczkó (1974, p. 161):

a solidão considerada como ruptura com a sociedade existente cria ao mesmo tempo ‘uma vida no coração’, vida que Jean-Jacques evoca e engendra em si o desejo de uma solidariedade real com o mundo dos homens. A solidão está nos meios de ascender nos valores que poderiam fundar esta comunidade e esta solidariedade. É neste sentido que o mundo moral nasce – ‘um mundo similar ao nosso, contudo totalmente diferente’ – mais real que o mundo existente que se manifesta apenas como aparência [...]. Tal solidão demanda a justificativa de face a face dos outros, conta com razões que possuem

um valor universal. Rousseau confere à solidão o sentido de uma missão que é a ‘defesa da humanidade contra ela mesma’, assim, nas razões da solidão estão ao mesmo tempo seus requisitos. [...] É precisamente nos diferentes estados de êxtase engendrada pela solidão que Jean-Jacques aspira intensamente existir como “pequena parte do todo”, a participar de uma ordem moral universal.

A solidão propicia o entendimento do humano sobre a humanidade; quando Rousseau se isola da sociedade, acaba criando um tipo de homem solitário em que se tem, para além da reflexão filosófica e literária, um diagnóstico sociológico, pois na experiência do viver só o filósofo defende o direito a ser sozinho. Esse direito é entendido como sendo uma forma de se viver livre das relações sociais, de se encontrar com seu “eu”, definindo sua personalidade autonomamente em relação à comunidade.

Em sua autobiografia, observa-se não simplesmente uma descrição de fatos e datas, mas uma história da alma rousseuniana permeada por sentimentos de transparência e liberdade, uma vez que sua intenção com os *Devaneios* é a descrição da solidão como meio para diagnosticar os males de seu tempo e de sua própria vida. Nessa busca incessante, o filósofo, na passagem que se segue, relata sua experiência:

o hábito de entrar em mim mesmo me faz perder enfim o sentimento e quase a lembrança de meus males; aprendi assim, por minha própria experiência, que a fonte da verdadeira felicidade está em nós e que não depende dos homens tornar verdadeiramente infeliz aquele que sabe querer ser feliz (ROUSSEAU, 1995, p. 31).

Em suas caminhadas solitárias sua alma se desvela e Rousseau busca perceber a si mesmo de forma plena, sem a interferência do meio, percebendo que está sozinho, e sua separação da sociedade faz com que, além da auto percepção, consiga fazer o que, segundo Claude Lévi-Strauss, interpretou na relação do “eu” e com o outro no estado de natureza, como um processo de identificação, todavia, agora do eu para o eu:

[...] a cultura ou o indivíduo reivindicam o direito a uma identificação livre, que só se pode realizar *além* do homem: com tudo o que vive e, portanto, sofre; e também *aquém* da função ou do personagem: com um ser ainda não formado, mas dado. Então, o eu e o outro, libertos de um antagonismo que só a filosofia procurava estimular, recuperam sua unidade. Uma aliança original, enfim renovada, permite-lhes fundar juntos o *nós* contra o *ele*, isto é, contra uma sociedade inimiga do homem, e a que o homem se sente mais preparado para recusar na medida em que Rousseau, com seu exemplo, ensina-lhe como evitar as insuportáveis contradições da vida civilizada. Porque se é verdade que a natureza expulsou o homem e que a sociedade persiste em oprimi-lo, o homem pode ao menos inverter a seu favor os polos do

dilema, e *buscar a sociedade da natureza para meditar, nela, sobre a natureza da sociedade*. [...]. Os contemporâneos de Rousseau não se enganaram a este respeito, e menos ainda seus sucessores: uns percebendo que este pensamento altivo, esta existência solitária e sofrida, irradiavam uma tal força subversiva que nenhuma sociedade lhe teria ainda experimentado o poder; outros, fazendo deste pensamento, e do exemplo desta vida, as alavancas que permitiriam abalar a moral, o direito, a sociedade (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 48).

Lévi-Strauss, no texto comemorativo aos 200 anos da publicação do segundo *Discurso*, encontra na obra de Rousseau um fundamento para etnologia. De acordo com Lévi-Strauss, Rousseau foi o primeiro a estabelecer que o problema de compreender o “eu” passa, necessariamente, pela compreensão do outro, pois o sentido da busca de si está na relação com o outro. Para Rousseau, o Outro é um problema pois as contradições da vida social fazem com que ele pense a solidão como uma forma de não se impregnar com os vícios enraizados no seio da sociedade, tentando se preservar, de alguma maneira. Todavia, nos *Devaneios* o movimento é contrário, a solidão como identificação do eu ocupa o lugar do reconhecimento do outro.

Na interpretação de Oswaldo Fontes (2005, p. 213), a obra *Devaneios* pode ser compreendida como uma “possibilidade de re-conhecimento, de retorno a uma imediatez originária, principia a morte eufemizada, momento de esquecimento que orienta o ritual de reaquisição de uma identidade perdida [...]”. É na tentativa de recuperar a identidade, no processo solitário, que se faz um afastamento e uma aproximação com outro; essa preocupação permeia o texto autobiográfico de filósofo.

O movimento solitário propugnado por Rousseau se liga a uma ideia de construção de uma consciência moral por meio de uma autobiografia autêntica, fazendo com que a tensão externa (outro) e a interna (“eu”) fundam-se nele mesmo. Na passagem a seguir, observa-se nos *Devaneios*:

consagro meus dias a estudar-me a mim mesmo e a preparar de antemão as contas que não tardarei a dar a mim mesmo. Entreguemo-nos inteiramente à doçura de conversar com minha alma, já que é a única coisa que os homens não podem tirar (ROUSSEAU, 1995, p. 27).

O estudo de si rousseauiano é uma ruptura do mundo externo, encontrando em seu “eu” a independência necessária para se tornar autossuficiente. Neste retorno a si, a consciência gera um pensamento sobre a humanidade, sobre um “eu” que pode se pensar sem e apesar da coletividade. A solidão é, portanto, o isolamento do mundo das

aparências e o encontro com a transparência, com a verdadeira natureza humana.

Uma questão correlata à da solidão é saber o que o filósofo concebe sobre a figura do sentimento em relação ao “eu”. Um dos intérpretes de Rousseau, Ernest Cassirer, faz a seguinte descrição sobre o “eu” rousseauiano:

a terminologia de Rousseau designa duas dimensões basicamente diferentes, nas quais o sentimento se estende, com uma única expressão. A palavra “*sentiment*” possui uma conotação ora naturalista ora idealista; é utilizada ora no sentido da mera sensação [*Empfindung*] ora no sentido de julgamento e da decisão moral. Deve-se atentar cuidadosamente para esse duplo sentido que, porém, quase nunca parece ter sido notado na literatura sobre Rousseau, pois sem ele os fios já bem entrelaçados de sua doutrina ameaçam emaranhar-se ainda mais. Para Rousseau, o sentimento (“*sentiment*”) é ora uma mera afecção psíquica, ora uma ação característica e essencial da alma. [...] A verdadeira região na qual nosso eu está sempre sendo chamado para tais decisões não é o comportamento teórico, mas prático. Por isso, é no querer e não no pensar que se revela a verdadeira essência do eu; somente nele é que se abre a plenitude e a profundidade do sentimento em si. Novamente, Rousseau distingue com a absoluta precisão esse sentimento de mera “sensação”, de acordo com sua constituição e origem; mas, por outro lado, deve-se separá-lo agora também das operações meramente lógicas, dos atos de pensar e de julgar (CASSIRER, 1999. p. 105-106).

É o sentimento que reside em nós, enquanto ação característica da alma, é responsável pela ligação do que somos com as coisas externas. O sentimento para a caracterização do “eu” não acontece de forma passiva, não é uma mera afecção, pois é uma fonte de origem que gera a capacidade de produzir uma impressão do mundo que nos cerca. A capacidade de julgar, ou o chamado comportamento teórico, não se faz suficiente, uma vez que somente pela lógica não se é possível compreender o pleno significado da existência. Contudo, o sentimento que funda a noção do “eu” é diferente daquele que nos faz conhecer o mundo externo.

O conhecimento de si acontece por meio de um exame de consciência revelada pela solidão, no qual o ato de sentir surge de uma só vez; é nesse instante que se tem a posse de si. Dessa forma, o conhecer-se e o sentir-se acabam se tornando a mesma coisa, tendo como condição obrigatória o isolamento. O recolhimento a si mesmo faz com que o mergulho na sua subjetividade propicie um movimento circular do “eu” para o “eu”, preenchendo o vazio deixado pelo isolamento social.

A estrutura de uma consciência de se sentir só faz com que o indivíduo assuma uma autonomia e comece a perceber a derrocada da moral pública, uma vez que

experiência de si mesmo impossibilita viver no coletivo. O ser humano passa a viver e a estar isolado e incompreendido. O conflito com o mundo e o sentimento promove uma reflexão e uma ruptura entre o real e o ideal, pois o ideal se resigna a existir de forma irreflexiva no real.

À margem da sociedade, após a reflexão acerca da corrupção moral, a solidão exprime a impotência do indivíduo em tentar mudar o que está a seu redor. A solidão é a solução proporcionada após um conhecimento maior sobre as injustiças morais e sociais, e experiência coletiva serve para uma experiência individual, tendo como solução possível, diante das impossibilidades presentes na sociedade, o isolamento. O sentimento da existência decorre de uma abstração do mundo, de uma renúncia ao agir social é uma negação a todos os tipos de interesses que estão fora de si, é, por fim, um gozo da sua relação singular consigo mesmo.

No artigo *Vérité et subjectivité, des Essais aux Rêveries*, Céline Spector apresenta os devaneios como meditações que visam o interesse de si, encontrando na solidão a paz e a serenidade dentro de uma ordem pública descaracterizada do seu principal objetivo, expondo:

[...] destinada a remediar a nossa dependência, a meditação é fonte de serenidade e sensualidade. Na plenitude do sentimento da existência ou no doce prazer do devaneio, a alma imaginativa liberta-se do fardo da alteridade como da prisão do corpo, e torna-se o verdadeiro sujeito-objeto do gozo. (SPECTOR, 2012, p.337).

Rousseau por meio de suas caminhadas que o levam aos devaneios, segue incessantemente na busca pela verdade da consciência não afetada pelas relações entre os homens. Somente fora do mundo é que se pode encontrar a imanência do seu ser, aderindo à uma via subjetiva absoluta e solitária como forma de reconhecer sua existência de maneira plena. Nesse sentido, a consciência permite se separar do todo para posteriormente reencontrar-se a si mesmo, livre do julgamento e das opiniões públicas, possibilitando uma nova vivência enquanto homem.

A verdadeira forma de gozo, utilizando o vocabulário de Spector, é a experiência da própria existência. Por isso que não faz mais sentido, para Rousseau, querer refletir sobre aquilo que lhe é externo, sendo que os momentos de solidão e de contemplação, no sentido meditativo, são as “[...] únicas do dia em que sou plenamente eu mesmo e em que me pertenco sem distração, sem obstáculos e em que posso verdadeiramente dizer que sou o que desejei a natureza” (ROUSSEAU, 1995, p.31).

Em síntese e em resposta aos questionamentos propugnados sobre o “eu” solitário e o tipo de relação existe entre o “eu” e o outro, denota-se que esse “eu” não significa um retorno ao estado de natureza como um homem natural. Entrementes, é um homem afastado da sociedade que se autoanalisa. O viver solitário se traduz como uma experiência subjetiva, na qual sua solidão se justifica e se opõe aos outros. Nesse estágio do ser solitário, Rousseau pleiteia o direito de o homem social viver sozinho, ser solitário, livre das perversidades do homem moderno, onde inexiste relações transparentes e as paixões fictícias imperam no coração humano.

Assim, pode-se conceituar esta experiência rousseauiana como uma solidão terapêutica para o indivíduo, que reproduz um individualismo existencial na medida em que, como não encontra uma solução fática para o problema da vida social, encara o viver solitário como a única solução possível. O sentimento da existência plena alcançada pelos devaneios do seu “eu”, faz com que haja uma abstração aquilo que está fora de si, o outro não faz mais parte de sua análise, inexiste o conflito, a alteridade, pois o estar só na terra, não somente como um recurso retórico, é um constructo da sua vivência existencial fruto do pertencimento a si mesmo.

Nos *Devaneios*, a solidão é uma espécie de terapia: reencontrar e reestabelecer o “eu” desiludido com a vida social, porquanto a solidão faz com que a contemplação pelos sentimentos ressurgja no coração do homem impossibilitado de viver em sociedade. Essa terapia acalenta uma alma à procura de paz para o “eu” que se recompõe para se amar. É um movimento que visa expressar a concentração e a expansão de si, no seguinte sentido: na concentração, no retorno a si como um movimento de introspecção, o “eu” se expande para vivenciar as sensações mais puras que existem. Portanto, nos *Devaneios* Rousseau inauguraria um novo movimento, pois pela terapêutica da solidão, a liberdade é a afirmação de um eu isolado encerrado em si mesmo.

Por fim, o sentido da solidão analisado é também o direito a estar só para ascender a ordem moral universal, sem levar em conta os ditames sociais, é um êxtase no qual se tem direito, não no sentido jurídico do termo, mas no âmbito da existência. É a expansão subjetiva que a solidão possibilita, demonstrando o desapego ao mundo e aos Outros por meio do encantamento propiciado pelos devaneios.

Referências

- BACZKO, B. *Rousseau: solitude et communauté*. Tradução de Claire Brendhel-Lamhout. Paris: Ecole Pratique de Hautes Etudes et Mouton & Co, 1974.
- CASSIRER, E. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Unesp, 1999.
- FORTES, L. R. S. *Rousseau: da teoria à prática*. São Paulo: Ática, 1976.
- GARCIA, C. B. *As cidades e suas cenas: a crítica de Rousseau ao teatro*. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
- GOUHIER, H. *Les Méditations Métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: J. Vrin, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Jean-Jacques Rousseau, fundador da ciência do homem*. Tradução de Sonia Wolosker. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p. 45-56.
- ROUSSEAU, J-J. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução de Lurdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *Os devaneios de um caminhante solitário*. Tradução de Fulvia Moretto. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- STAROBISNKI, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de Sete ensaios sobre Rousseau*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SPECTOR, C. *Vérité et Subjectivité: des Essais aux Rêveries*. In: *Annales de la Société Jean-Jacques Rousseau*, Genève, v. 50, p. 321-350, 2012.